

A infertilidade feminina na pós-modernidade: entre o narcisismo e a tradição*

Fernanda Eleonora Miranda¹

Jacqueline de Oliveira Moreira

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Resumo

Este artigo² visa a refletir sobre a relação da mulher infértil com seu corpo num mundo em que a técnica oferece diferentes formas de manipulação e "correção" desse corpo. Pretende articular pós-modernidade e infertilidade feminina, buscando elementos elucidativos que possibilitem a compreensão do sofrimento diante da infertilidade no contexto do mundo atual. Nessa articulação, o ponto-chave é a relação entre fertilização, narcisismo e tradição, que suscita a seguinte pergunta: Na pós-modernidade ter um filho é um projeto que reflete um desejo tradicional de ter uma família ou é a expressão concretizada de um desejo narcísico de fruição de prazer individual?

Palavras-chave: Infertilidade; pós-modernidade; corpo; narcisismo.

Abstract

This text has as an aim to reflect upon the relation of the infertile woman with her body, in a world which techniques offer different possibilities of manipulation and "correction" of this body. We intend to articulate post-modernity and feminine infertility, seeking elucidative elements, elements that enable the understanding of the distress caused by the condition of being infertile in the contemporary world context. This articulation has, as its cornerstone, the relation between fertilization, narcissism and tradition. In this process, the following question has arisen: is it that to bear a child, in post-modernity, is a reflection of the traditional longing for forming a family or is it the materialization of a narcissistic desire, the fruition of an individual pleasure?

Keywords: Infertility; post-modernity; body; narcissism.

* The feminine infertility in post-modernity: between narcissism and tradition.

¹ Endereço para correspondências: Rua Odilon Braga, 780, ap. 501, Bairro Anchieta, 30310-390, Belo Horizonte, MG (E-mail: mirandaf@uai.com.br).

² Artigo baseado na dissertação acadêmica *A infertilidade feminina na pós-modernidade e seus reflexos na subjetividade de uma mulher* (MIRANDA, 2005).

Introdução

A experiência que uma mulher tem de sua infertilidade pode ser influenciada histórica e culturalmente. A existência humana está inequivocamente associada ao fenômeno cultural não de forma determinista, mas contextual. A sociedade, ao mesmo tempo em que é produzida pelo homem, adquire vida própria e produz modos de subjetivação para o homem. A relação entre indivíduo e sociedade dá-se de forma evidente, mas complexa. Aqui interessa focar que a subjetividade dos indivíduos não é separada da sociedade e da cultura em que vivem, à medida que compartilham signos e símbolos comuns. Assim, a infertilidade para a mulher é uma representação que não pode ser tomada fora do contexto sócio-histórico. Considerando-se a relação dialética entre indivíduo e sociedade, torna-se necessário refletir sobre os impactos da infertilidade na subjetividade das mulheres que se constituem em um mundo pós-moderno. Não se pretende participar da polêmica a respeito da existência de uma sociedade pós-moderna distinta da moderna ou do fato de a atualidade refletir apenas um novo momento do próprio projeto moderno. Utilizar o termo pós-modernidade neste estudo significa lançar a discussão sobre a infertilidade feminina no aqui e agora, enfatizando características do mundo atual que impactam de forma particular as subjetividades.

Acredita-se, então, que a vivência da infertilidade na pós-modernidade guarda especificidades. Nesse sentido, este texto pretende refletir sobre a relação da mulher infértil com seu corpo num mundo em que a técnica oferece diferentes formas de manipulação e "correção" desse corpo. Pretende ainda articular pós-modernidade e infertilidade, buscando elementos elucidativos que possibilitem a compreensão do sofrimento diante da infertilidade no contexto do mundo atual.

1. O rascunho de um corpo infértil

Para Chatel (1995, p.56), não é a mulher, e sim o "corpo 'fêmea' que se considera responsável pela procriação, e a demanda de um filho assume a forma de uma demanda de satisfação de uma necessidade que utiliza o corpo como máquina de fazer bebês". O resultado dessa elisão, segundo a autora, é a elevação do problema da infertilidade. Essa idéia do corpo máquina parece indicar uma nova dicotomia dos tempos modernos, não se trata mais da dualidade mente-corpo, mas sim da dualidade eu-corpo. O corpo que não atende prontamente ao desejo de ter um filho é estranhado, tomado como um outro. Se o "corpo fêmeo" não atende à procriação, então, a máquina de fazer bebês precisa de reparo.

Le Breton (2003), antropólogo francês, trabalha, sob a perspectiva da antropologia, a questão do corpo na atualidade. Para ele, no discurso científico contemporâneo, o corpo é tomado como simples suporte da pessoa. Na pós-modernidade, o corpo é um rascunho que pode e deve ser aprimorado. Quando não responde às elevadas expectativas narcísicas, características das sociedades ocidentais contemporâneas, o corpo é visto como rascunho. Assim, para não naufragar nas exigências atuais, as pessoas entregam-se a manipulações de si, e a ciência vem em auxílio a esse corpo que deve ser reparado.

Ao estudar a infertilidade feminina, a questão do corpo emerge, e o corpo feminino que se nega à reprodução fica sob suspeita. Na infertilidade, há um descompasso entre o corpo e o desejo: o corpo recusa-se a atender ao desejo da maternidade. O corpo infértil é o rascunho de um corpo apto a reproduzir-se e, portanto, pede reparo. Essa concepção parece expressar a dualidade eu-corpo e, dessa forma, diante da infertilidade feminina, o corpo infértil faz eclipse do sujeito infértil. Além disso, o corpo feminino é vasculhado em sua intimidade. Exames cada vez mais sofisticados revelam com detalhes a anatomia e a fisiologia internas. O foco de atenção das mulheres inférteis, de acordo com Pines (1990), concentra-se, por exemplo, no ciclo menstrual e em suas vicissitudes. Há uma apropriação pelo sujeito do processo reprodutivo e da biologia, que inaugura uma relação instrumentalizada do sujeito com seu corpo, o que realça a dualidade eu-corpo.

Para Le Breton (2003), a fertilidade do encontro sexual fundamenta-se não só em uma fisiologia, mas em uma fisiossemântica, isto é, num corpo que faz sentido e numa relação particular com o outro, que determina o travamento provisório ou a abertura do corpo. Para o autor (2003, p. 69), a infertilidade, muitas vezes, é uma condição provisória "da qual o tempo – ou as palavras – livra". No entanto, no cenário pós-moderno de um mundo que tem pressa, as pessoas acabam procurando mais cedo pela ajuda da medicina. "Um atraso entre a vontade de ter a criança e a gravidez transforma-se em sintoma e justifica o ato médico" (LE BRETON, 2003, p.70). A urgência impõe-se e a medicalização da procriação une-se a uma temporalidade própria do momento atual que não suporta a espera. Acredita-se que, com isso, Le Breton não pretenda psicologizar a infertilidade, tampouco negar o importante papel da medicina e dos avanços tecnológicos nos modernos tratamentos da infertilidade. Acredita-se que, dessa maneira, o autor quer ressaltar a questão da ênfase dada ao corpo infértil na atualidade em detrimento do sujeito infértil. Assim, ele ressalta também a ênfase dada à fisiologia da fertilidade em detrimento de uma fisiossemântica que traria para a cena da infertilidade um corpo que faz sentido e a importância da relação com o outro.

Além disso, não se pode negar que, na pós-modernidade, impõe-se uma noção de tempo marcada pela urgência, o que pode fazer com que o apoio médico seja eleito como primeiro tempo diante da infertilidade, tornando-se, então, verdadeiro sintoma de um imediatismo pós-moderno que atropela a paciência e a palavra.

A infertilidade abala a imagem do corpo controlável e da gravidez programável engendrada pela contracepção e leva à quebra da imagem narcísica superinvestida na pós-modernidade, na qual o corpo é vetor. Graças à contracepção, inaugurou-se uma relação instrumental da mulher com seu corpo, que passou a ser passível de controle, possibilitando a programação da gravidez. As mulheres esperam que, logo que abandonem a contracepção, a gravidez aconteça. Nessas condições, o corpo é tido como instrumento à disposição, sua recusa é vista como uma anomalia a ser reparada. Diante da infertilidade, emerge o corpo rascunho de Le Breton (2003), aquele que sucumbe diante das exigências narcísicas em relação a ele e que, assim concebido, fica esvaziado de sentido e do sujeito que o habita. "O corpo deixa de fazer sentido, 'funciona' ou manifesta uma pane, é obstáculo... Em última instância, prefere-se contorná-lo para não permanecer entregue aos acasos da sexualidade e de uma fisiologia que assusta" (LE BRETON, 2003, p. 74-75). A relação subjetiva das mulheres com seus corpos femininos que se negam a dar-lhes um filho parece ser de rejeição, o corpo estéril é um corpo indesejável, por não atender às expectativas narcísicas nele depositadas.

Le Breton (2003) chama a atenção para a verdadeira provação fisiológica, moral e psíquica infligida às mulheres durante o tratamento da infertilidade após meses ou anos de tentativas. O corpo é mecanizado e a mecanização do corpo não leva em consideração o simbólico. O corpo encarado como máquina de produzir um bebê parece prescindir do sujeito que o habita e que, por vezes, não se vê em condições de obter um posicionamento em relação à adversidade encontrada e à ambivalência dela decorrente. A mulher deseja a fertilidade para conceber um filho, mas não a trilha de obstáculos que se interpõe ao longo do tratamento. Segundo o autor, além do estresse inerente a uma provação longa e semeada de ansiedade, o estímulo ovariano é uma conduta penosa que prevê por meses injeções diárias de hormônios carregados de efeitos colaterais: aumento de peso, náuseas, cólicas etc. As mulheres descrevem seu percurso como o de um combatente, e tem-se a impressão de só existirem para isso. O corpo é, então, menos um destino do que um reservatório de elementos destacáveis e manipuláveis a serem trabalhados pela ciência.

Para Le Breton (2003), a assistência médica à procriação quase não leva em conta a dimensão simbólica de seus atores. Para a medicina, basta uma declaração de vontade por parte da paciente que quer ter filhos.

No entanto, segundo o autor, a criança do querer não é necessariamente a do desejo. A fim de fugir de uma relação instrumental e mecanizada com seus corpos, as mulheres inférteis não poderão recorrer à ciência, uma vez que ela considera uma resposta técnica e tem a obrigação de fazê-lo tendo em vista a eficácia exigida. Caberia, então, às próprias mulheres reintroduzir sentido ao corpo, a despeito das vicissitudes trazidas pela infertilidade.

A problemática da diferença diante da infertilidade também merece atenção. As sociedades ocidentais contemporâneas cultivam uma norma das aparências e uma preocupação rígida com a saúde. Como foi visto, o corpo é vetor de uma imagem narcísica superinvestida. Para Le Breton (2003), ao homem atual está prometida uma existência que se desenvolve no palco, "diante do ardor dos olhares sem indulgência dos transeuntes ou das testemunhas da dessemelhança" (LE BRETON, 2003, p.86). Quando a diferença instala-se no corpo provoca um grande mal-estar, que se torna mais vivo quanto mais impede a identificação do indivíduo com seu corpo. A infertilidade feminina reflete-se no corpo como diferença e falha que delata a precariedade da condição humana. A alteração do corpo acarreta a fantasia de que ele não é apropriado e convém endireitá-lo. Essa visão autoriza um olhar depreciativo em relação ao próprio corpo. Além disso, a diferença que suscita o olhar e a interrogação do outro muitas vezes é vista também pelo prisma deformante do distanciamento e da compaixão.

Assim, no cenário pós-moderno, o corpo da mulher infértil é tomado como rascunho, que, não assumido pela técnica, torna-se indigno e deve portanto ser submetido aos procedimentos de controle da ciência, a fim de suprir suas falhas ontológicas. O corpo rascunho precisa ser entregue à medicina para ser "passado a limpo".

1.1. A técnica pode passar a limpo o corpo rascunho?

Zalusky (2000) realça a importância dos avanços tecnológicos na experiência da infertilidade, pois se há tecnologia a noção de o que é possível fica ampliada e o corpo deixa de ser um limite. A tecnologia, entretanto, não interfere apenas no corpo das pacientes, mas também em sua fantasia. Uma paciente com diagnóstico de infertilidade, em tratamento médico há cerca de cinco anos, levou para a sessão um sonho em que havia uma amiga grávida em um lado de uma piscina. Do outro lado havia uma outra mulher também grávida, mas com uma barriga esquisita, enrugada. A paciente colocou a mão na barriga da mulher e a barriga iluminou-se, ficou transparente, deixando ver o bebê que estava lá dentro,

como num filme de ficção. O feto usava roupa e sapatinho azuis, lá dentro da barriga de sua mãe. Esse sonho revela a entrada em cena da tecnologia no inconsciente das pacientes inférteis. Nesse caso, a tecnologia é tida como um mito e a barriga enrugada e esquisita denuncia a diferença entre uma concepção assistida e uma concepção natural, provavelmente representada pela amiga grávida do "outro lado". A ciência meio mágica marca a gravidez, acenando com a esperança de gerar o filho tão esperado, idealizado (encomendado à ciência, já vem pronto e até vestido). Na fantasia, tudo parece meio artificial, na transparência do olhar médico, que tudo controla e vê, a vigilância sem tréguas das máquinas acusaria qualquer anomalia. A entrada desse terceiro encarnado pela ciência introduz na fantasia uma nostalgia confusa, revelada pela interferência da técnica, que é ao mesmo tempo reverenciada e recusada, ao mostrar-se esquisita e diferente, pois, no sonho, assim era a barriga e a gravidez atravessada pela tecnologia: esquisita e diferente.

Muitas vezes, a técnica entra na relação do casal como um terceiro, subvertendo sua intimidade, pois, para engravidar, torna-se necessária a presença desse terceiro. A gravidez não se dá naturalmente por meio de uma relação sexual do casal e, em alguns casos, a técnica substitui a relação sexual. De acordo com Ribeiro (2004), a equipe médica começa a fazer parte da intimidade do casal, dizendo quando deverão ou não ocorrer as relações sexuais. Além disso, a transferência com a figura do médico torna-se mais complexa, pois ele passa a ser peça importante na origem do futuro bebê.

Tornar público o problema da infertilidade leva a outra questão que se refere ao aspecto social. Se lidar com a infertilidade no âmbito privado já é difícil, a entrada do outro encarnado pelo social parece trazer um dificultador a mais. Ao tirar a infertilidade do espaço privado, a mulher tem de enfrentar não só seus próprios sentimentos, mas também o olhar do outro.

A infertilidade parece portar um sofrimento em si, que se soma ao sofrimento gerado pela busca por uma solução técnica. Assim, cabe perguntar: Qual é o lugar da gestação no desejo de uma mulher infértil na pós-modernidade? A gestação é um projeto tão vital, que a mulher oferece seu corpo para um "ritual masoquista"? Qual é a relação entre cultura pós-moderna e o "horror da infertilidade"?

2. O pensamento pós-moderno na cultura do narcisismo e o mal-estar na infertilidade feminina

Harvey (1992) revela que o pós-moderno afirma-se por sua total aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico.

O autor anuncia que o prazer sensorial imediato é um típico representante da cultura pós-moderna. No momento atual, vive-se sob a égide do prazer e de sua realização imediata. Além disso, podem-se perceber profundas contradições internas no pensamento pós-moderno. Por um lado, esse pensamento propõe a aceitação da condição de efemeridade inerente ao humano o que, no caso da infertilidade, poderia diminuir os problemas a ela associados. Por outro lado, ao aceitar o efêmero, a ideologia pós-moderna coloca a vontade como senhora e, assim, só resta ao sujeito desfrutar o prazer sensorial imediato. Nessas condições, a infertilidade apresentar-se-ia como sério problema, à medida que se torna um obstáculo para a fruição do prazer. Antes, porém, de traçar um paralelo entre a pós-modernidade e a infertilidade feminina, é preciso explorar o pensamento pós-moderno e sua relação com a cultura do narcisismo.

Bauman (2001) constrói uma interessante metáfora da modernidade e da pós-modernidade. Para ele, o projeto moderno visava a derreter os sólidos da tradição, do passado, das amarras das relações sociais e obrigações éticas, a fim de construir uma nova ordem constituída de novos sólidos, mais aperfeiçoados, dotados de uma solidez que tornasse o mundo mais previsível e dominável pela racionalidade instrumental. Mas, segundo o autor, não foi o que aconteceu, pois da era moderna dos sólidos passou-se à era pós-moderna dos líquidos.

O termo modernidade líquida, utilizado por Bauman (2001) como sinônimo de pós-modernidade, revela a metáfora da fluidez e liquidez que captura a natureza deste momento histórico. Os líquidos fluem, escorrem, respingam, transbordam, vazam, inundam, são amorfos e amoldam-se ao ambiente em que são colocados, podem ser filtrados e destilados, têm extraordinária mobilidade, assim como o pós-moderno. A pós-modernidade seria, assim, difusa em virtude de sua descentralização. Leve, fluida e dotada de extrema mobilidade, pela ausência de barreiras e fronteiras que foram se tornando permeáveis, porosas, até que desapareceram. A idéia da busca por prazer como característica da cultura pós-moderna é defendida por Bauman (2001). Para esse autor, enquanto a solidez da modernidade apóia-se na razão e aposta na busca pela felicidade como projeto coletivo, a liquidez da pós-modernidade apóia-se nos recursos da técnica, no consumo e aposta na busca por prazer como projeto individual.

Segundo Giddens (1997), as sociedades modernas tornaram-se destradicionalizadas e a pós-modernidade assiste a uma verdadeira falência da tradição. Acredita-se que a família sofre impactos dessa destradicionalização, assim como o projeto da maternidade. Cabe, então, perguntar: Será que na pós-modernidade ter um filho por meio de um programa de fertilização é um projeto que reflete um desejo tradicional de ter uma família ou é a expressão concretizada de um desejo narcísico de fruição de prazer individual?

2.1. A modernidade líquida e a fertilização

A questão da fruição narcísica é imperiosa e ocupa todo o espaço energético do sujeito. Dessa forma, sobra pouca disponibilidade para o projeto tradicional e coletivo da construção de uma família. Não se pode negar que um casal que busca o saber da técnica para realizar seu sonho de maternidade e paternidade está na busca pela realização concreta de uma família. Todavia, acredita-se que o discurso latente esconde um desejo de realização pessoal embebido em puro narcisismo, baseado no prazer único de gerar um filho do próprio ventre, que porte a herança genética de cada genitor. Assim, a idéia de supremacia do desejo narcísico sobre os projetos tradicionais e coletivos na pós-modernidade alimenta a idéia de que a busca pela fertilização tem como forte influência o desejo de realização narcísica.

A idéia de uma modernidade líquida, sugerida por Bauman (2001), parece apropriada para representar a relação do processo de fertilização com a noção de família, pois não se pode negar que por trás da busca por fertilização não esteja presente o desejo de cinturão e de uma família. Parece, contudo, que esse desejo se mostra líquido, assume várias formas, inclusive a forma narcísica de realização individual.

Por intermédio da imagem da liquidez, pode-se perceber que os contornos da pós-modernidade são amorfos, móveis e flexíveis, em contraponto com o nítido e ordenado contorno da modernidade, que ainda apostava nos últimos suspiros de força da tradição. A fluidez pode ilustrar muitas das características representativas da pós-modernidade, como a relativização, a fragmentação, as rupturas de fronteiras e barreiras, o curto prazo e o imediatismo, a instantaneidade, a instabilidade, a descentralização e a imprevisibilidade. Tudo isso traz como consequência sentimentos como incerteza, insegurança, ansiedade e medo. No pós-moderno, há uma explosão de informações, a noção de tempo e espaço desvincula-se pela convivência com o virtual. Em tempos de pós-modernidade, nenhuma ortodoxia pode ser adotada sem constrangimento.

Usando a metáfora de Bauman (2001), na era pós-moderna dos líquidos, os poderes de derretimento alcançam as instituições, as relações, a família e os indivíduos. Dessa maneira, as identidades pós-modernas tornam-se cambiantes, amoldam-se a diferentes espaços, mas são, por isso mesmo, temperadas pelo medo de se perder. Graças às identidades fluidas é possível recorrer a um conjunto distinto de códigos, dependendo da situação e do lugar em que se encontrar, como, por exemplo, o trabalho, a rua ou a própria casa.

A modernidade líquida (ou pós-modernidade) é considerada uma versão individualizada e privatizada da modernidade. Segundo Bauman (1998), na pós-modernidade, vive-se uma pressão para se livrar de toda interferência coletiva no destino individual, vive-se uma pressão para desregular e privatizar. Para ele, hoje os padrões, códigos, regras e configurações perderam sua solidez, e não são mais dados ou auto-evidentes, eles chocam-se, contradizem-se, liquefazem-se. Liquefeitos, os padrões de interação, por exemplo, ganham uma característica comum a todos os líquidos: não mantêm sua forma por muito tempo e, assim, dar a eles uma forma é mais fácil do que mantê-los nela. Na opinião do autor, homens e mulheres pós-modernos são mais seduzidos por propostas de aventura do que por qualquer fixação de compromisso, preferem opções abertas que levem ao prazer.

Outro efeito da modernidade líquida é proporcionar um campo fértil para a proliferação da lógica capitalista, de modo que o consumo se tornou uma marca nas sociedades pós-modernas. "O derretimento dos sólidos levou à progressiva libertação da economia de seus embaraços políticos, éticos e culturais. Sedimentou uma nova ordem, definida principalmente em termos econômicos" (BAUMAN, 2001, p.10). A ênfase no consumo inaugurou a era dos descartáveis, e nem mesmo as relações ficaram imunes à descartabilidade. No mundo pós-moderno, o indivíduo precisa se deixar seduzir pela infinita possibilidade de renovação oferecida pelo mercado consumidor, um mercado especializado em atender a uma procura incessante de consumidores vorazes e em manter sempre insatisfeita essa procura. A lógica capitalista pós-moderna apropria-se da infertilidade, oferecendo ao consumo uma técnica onerosa. Algumas pacientes queixam-se, por exemplo, de sentir-se em um meio elitizado e de que sua infertilidade é tratada dentro da lógica do mercado de consumo, regido pelas leis da economia. A sedução do consumo vai ao encontro de uma outra característica da cultura ocidental na atualidade, o narcisismo.

2.2. A fruição narcísica e a infertilidade feminina

O narcisismo pós-moderno seria uma espécie de exacerbação do individualismo moderno, numa sociedade que foi até as últimas consequências do individualismo. Lasch (1983), em *A cultura do narcisismo - a vida americana numa era de esperanças em declínio*, faz uma análise da sociedade atual americana, que pode ser ampliada à sociedade ocidental e em particular à sociedade brasileira. Para o autor, na cultura narcisista, os indivíduos fixam seus olhos em seus próprios desempenhos particulares e a preocupação com o autodesempenho e com a *performance* torna-se constante nessa sociedade do espetáculo.

Para Lasch (1983), o narcisismo representa a dimensão psicológica característica da atualidade. Ele diz que nesse contexto a paixão predominante é viver o momento e viver para si, e não para os que virão. Essa sociedade sem futuro é também sem passado, vive, então, exclusivamente para o presente. A continuidade histórica é ficção para quem teme não ter futuro, o que revela uma incapacidade narcisista de identificar-se com a posteridade ou de sentir-se parte do fluxo da história. A transitoriedade e a efemeridade pós-modernas dificultam o senso de continuidade histórica. Para ele, a sensação de descontinuidade histórica é o câncer dessa sociedade.

No campo relacional, segundo Lasch (1983), o indivíduo narcisista depende do outro para validar sua auto-estima, apesar de nutrir fantasias de onipotência. Esses indivíduos são ávidos por admiração e por experiências emocionais para preencher um vazio interior. O narcisismo patológico aparece como fenômeno social, produz indivíduos hábeis em administrar a impressão que transmitem aos outros com uma sedução calculada. Esse indivíduo demonstra medo enorme de dependência do outro, o que faz com que ele cultive uma superficialidade protetora nas relações emocionais e, assim, as relações tornam-se cada vez mais fugazes e rasas. O narcisista chega às raias da promiscuidade por procurar uma intimidade instantânea que traga excitação emocional, mas que o resguarde de envolvimento e da dependência.

No narcisismo contemporâneo, há certa liberdade dos laços familiares e de constrangimentos sociais, o que acaba por realçar a individualidade e também a insegurança dos indivíduos. No contexto familiar, a promessa de satisfação pessoal repercute nas relações, levando os pais a priorizar seus próprios direitos de auto-satisfação, ao mesmo tempo em que tentam colocar a criança em uma posição de destaque na família.

Para o narcisista contemporâneo, o fracasso e a perda tornam-se insuportáveis, o que torna cada vez mais difícil para o homem comum lidar com a banalidade da existência humana. Segundo Lasch (1983), traços associados ao narcisismo aparecem comumente no cotidiano da pós-modernidade, tais como sensação de vazio interior, oscilações violentas de humor, sensação de insatisfação difusa e vaga com a vida, além de uma sensação de existência amorfa, fútil e sem finalidade. Por ter o mundo interior empobrecido, os indivíduos narcisistas vivem sentimentos de vazio e inautenticidade, sofrem de queixas vagas e indefinidas, reflexo desse vazio interior. Além disso, a desvalorização dos outros empobrece sua vida pessoal, o que reforça a sensação de vazio. Ela é reforçada também porque o narcisista não se identifica com valores éticos fora de seu interesse pessoal e imediato. A ética do narcisista é a da autopreservação, e seus sistemas de valores são geralmente corruptíveis.

Tudo isso culmina com uma depressão muito própria dos tempos atuais, caracterizada por um vazio, uma raiva impotente e por sentimentos de derrota.

Lasch (1983) constrói uma relação entre o tipo de personalidade narcisista e os padrões característicos da cultura contemporânea, como o grande medo da velhice e da morte, o senso de tempo alterado, o fascínio pela celebridade, o declínio do espírito lúdico, além das relações deterioradas entre homens e mulheres. O indivíduo narcisista teme o envelhecimento, porque teme a dependência e porque sua auto-estima requer uma admiração atrelada à juventude e à beleza. O autor faz uma curiosa afirmação em relação ao papel da medicina nesse cenário: ela serviria para reforçar o padrão cultural no qual o indivíduo examina-se incansavelmente à procura de sinais de velhice, de doença, de imperfeições que possam diminuir sua atração, e a medicina serviria também para confirmar a ausência de desvios da norma que são malvistas e convidam à emergência de uma ideologia terapêutica.

2.3. Feminilidade e maternidade sob a égide do narcisismo pós-moderno

De posse de um panorama elucidativo sobre a pós-modernidade e a cultura do narcisismo, pode-se agora tentar construir uma relação entre esse contexto social e o mal-estar na infertilidade feminina, a começar por sua repercussão na feminilidade e na maternidade. A feminilidade como discurso veiculado pelo social refere-se a um ideal feminino que muda de acordo com os diferentes valores sociais cultuados em determinado período. Assim, a pós-modernidade deixa suas marcas na noção de feminilidade por meio dos valores próprios a uma sociedade narcisista, como, por exemplo, pela preocupação com a imagem. Kehl (2005) correlaciona imagem e consumo na construção de um estereótipo da mulher, imagem em que seu corpo fica associado a uma mercadoria. Esse estereótipo, objeto do desejo masculino, eleito pela publicidade, é a imagem da modelo: bela, sensual, jovem, saudável, de corpo perfeito e com dinheiro para se cuidar. Com o objetivo de provocar o consumo, a mídia apropria-se dessa imagem estereotipada que é reflexo do tecido social na atualidade. Buscar a correspondência com essa imagem idealizada leva a uma alienação. As mulheres que entram nesse jogo tornam-se inseguras com o próprio corpo, que não atende à perfeição, porque a perfeição da imagem é muito maior que a do corpo verdadeiro. A busca por um corpo feminino perfeito justifica intervenções plásticas de toda ordem. A busca por um corpo feminino fértil, atrelada à busca pela perfeição, justifica inúmeras manipulações do corpo que parecem um verdadeiro ritual masoquista.

Apesar da ênfase publicitária num estereótipo feminino, Kehl (2005) fala ainda de uma diversidade muito grande de imagens de mulher ocupando, por exemplo, a dramaturgia. Isso faz pensar em outra característica da pós-modernidade, que é o acolhimento do múltiplo e do não-uno, influenciando o aparecimento de um modelo multifacetado de feminilidade.

A multiplicidade pós-moderna aparece também na variedade de configurações familiares na atualidade, reflexo atual da quebra das tradições referida por Giddens (1997) como paradigmática da modernidade e da pós-modernidade. Para Kehl (2003), novas formas de convívio vêm sendo improvisadas diante da necessidade inalterada de criar os filhos, “frutos de uniões amorosas temporárias...” (KEHL, 2003, p. 165). É interessante apontar que parece existir uma coincidência entre as idéias de Kehl e Bauman. Para Kehl, as famílias atuais são constituídas de filhos – frutos de várias uniões amorosas – que expressam os desejos e frustrações individuais dos pais em seus encontros afetivos. Para Bauman, os homens e mulheres pós-modernos vivem nas relações a busca por seus prazeres individuais, e os filhos constituem a memória dessas buscas.

A fluidez de Bauman alcança também a maternidade. As mães pós-modernas tornam-se verdadeiras representantes da modernidade líquida, parecem adaptar-se às situações inusitadas que decorrem de configurações familiares tão diversificadas. A maternidade hoje é exercida, por exemplo, à distância, quando filhos de antigas uniões ficam sob a guarda dos pais, e não das mães. É comum também a maternidade se estender aos filhos do novo companheiro. Cada vez mais, a maternidade dá-se também em relações monoparentais ou até mesmo em relações homossexuais. Ao mesmo tempo, todas essas modalidades de maternidade convivem lado a lado com a maternidade dentro de famílias nucleares. As configurações familiares não refletem mais um modelo típico, assim como a própria maternidade.

Talvez a maternidade na atualidade revele a possibilidade de coexistência de valores pós-modernos e modernos, ou seja, ela poderia ser ao mesmo tempo um projeto pessoal, que busca um prazer inscrito na letra do próprio corpo e do individualismo, trazendo a marca pós-moderna, e carregar também uma marca moderna de função social, que almeja a felicidade como projeto coletivo e que prevê doação ao outro, sacrifício e devoção.

A mulher na pós-modernidade conquistou autonomia, liberdade individual, respeito a seus direitos e faz questão de usufruir suas conquistas, de escrever o texto da própria vida. Ela pode dar um sim ou um não à maternidade, ao sabor de sua própria escolha, por exemplo. Nesse sentido, a infertilidade interpõe-se, provocando um profundo mal-estar, pois seus atores destoam do contexto pós-moderno marcado pela égide do desejo.

A infertilidade representa um “não à maternidade”, diferentemente da opção pela “não-maternidade”.

A sociedade hoje ampara diferentes escolhas e opções de seus indivíduos. A inclusão social é a forma propalada de lidar com a diferença. Nesse corpo social que acolhe a diferença como escolha, os indivíduos ganham liberdade. Parece haver, contudo, sutileza no trato da diferença: aquela que se apresenta como imposição ou que se associa a uma falha, imposição biológica ou falha ontológica no caso da infertilidade, não encontra acolhida pelos indivíduos que querem contornar ou banir tal diferença. Talvez esse fato associe-se ao aspecto narcisista que marca o discurso social.

A infertilidade leva as mulheres a uma situação de perda e de fracasso que requer um novo posicionamento subjetivo. Ela pode representar um adiamento ou um impedimento em relação à gravidez. Se a maternidade é tomada no contexto atual como desejo, o adiamento de sua satisfação pode gerar mal-estar num período marcado pelo imediatismo. Afinal, no mundo pós-moderno veloz e voraz, tudo deve ser fruído instantaneamente. Numa situação mais grave, quando a infertilidade leva ao impedimento da gravidez, há uma experiência de perda, fracasso e frustração. Aliada a esse fato, a infertilidade parece ganhar conotação de falha, falha pessoal e corporal, uma verdadeira chaga narcísica que parece potencializada por um contexto de mundo narcísico que faz eco a essas questões e dificulta a vivência de perdas. A imagem abalada, a perfeição inalcançada e a intensa preocupação com o autodesempenho dificultam a vivência de perdas pelo sujeito narcisista pós-moderno, obstaculizando a experiência da infertilidade na atualidade. Assim, a posição subjetiva diante do encontro com a verdade da infertilidade parece remeter a mulher a um profundo mal-estar, que se configura como ferida narcísica, vivência íntima que pode atualizar outras perdas mal elaboradas pelo caminho. Essa elaboração, contudo, torna-se mais complicada quando se tem como pano de fundo o pensamento pós-moderno na cultura do narcisismo.

Considerações finais

A pós-modernidade influencia a vivência subjetiva da infertilidade feminina, pois propicia uma relação muito particular do sujeito com seu corpo, que emerge como suporte de elevadas exigências narcísicas na atualidade, inaugurando a dualidade eu-corpo, própria da era pós-moderna. O corpo infértil parece cindir-se do sujeito que o habita, ao ser tomado como um rascunho entregue à medicina para ser corrigido e “passado a limpo”.

A tecnologia atuante nos tratamentos da infertilidade e na fantasia das pacientes potencializa uma relação instrumental da mulher com seu corpo, inaugurada desde a contracepção, que engendrou a imagem de um corpo controlável e de uma gravidez programável. Além disso, a pressa das mulheres em buscar o apoio médico diante da infertilidade pode revelar-se como sintoma pós-moderno de uma noção de tempo marcada pela urgência na atualidade.

As mulheres que vivenciam a infertilidade vêem-se diante de uma trajetória de provações físicas e emocionais e do desafio de dar sentido à própria experiência, já que a infertilidade se fundamenta não só em uma fisiologia, mas num corpo que faz sentido e numa relação particular com o outro.

O projeto de ter um filho na pós-modernidade parece situar-se entre o narcisismo e a tradição, assim como a infertilidade feminina, ambos marcados pelo desejo narcísico de fruição de prazer individual e pelo desejo tradicional de uma família e de maternidade.

O narcisismo contemporâneo dificulta a vivência das perdas e o encontro com os limites, o que torna mais difícil a experiência da infertilidade, que por si leva a perdas, mas também atualiza antigas perdas da história do sujeito. Na era pós-moderna da contradição, da multiplicidade e da fluidez, o narcisismo da cultura exacerba um ideal de feminilidade que busca um estereótipo de mulher que mira a perfeição. Perfeita nas formas e no desempenho de variados papéis sociais, a imagem almejada de mulher na pós-modernidade valoriza também o poder de escolher ser ou não mãe, poder esse violado pela infertilidade. Nesse cenário, a busca pela fertilidade vela e desvela um desejo narcísico de fruir o prazer individual da "barriga grávida". Em contrapartida à questão da construção e consolidação de uma família pode aparecer em segundo plano nos projetos de fertilização, pois se pretende garantir às mulheres a experiência narcísica da gestação, única e intransferível, em consonância com os preceitos pós-modernos.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

CHATEL, M.-M. *Mal-estar na procriação: as mulheres e a medicina da reprodução*. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1995.

GIDDENS, A. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: GIDDENS, A.; BECK, U.; LAH, S. *Modernização reflexiva*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.

KEHL, M. R. O estereótipo do desejo masculino. *Jornal Brasil de Fato*, São Paulo, 13 mar. 2005. Entrevista. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/nacional/105esteriotipo.htm>>. Acesso em: 13 mar. 2005.

KEHL, M. R. Em defesa da família tentacular. In: GROENINGA, G. C.; PEREIRA, R. C. (Coord.), *Direito de família e psicanálise: rumo a uma nova epistemologia*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

LASCH, C. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LE BRETON, D. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas: Papi-rus, 2003.

MIRANDA, F. E. *A infertilidade feminina na pós-modernidade e seus reflexos na subjetividade de uma mulher*. 2005. 193p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte. Orientadora: Profa. Doutora Jacqueline de Oliveira Moreira.

PINES, D. Aspectos emocionales de la infertilidad y sus remedios. *Libro anual de psicoanálisis*, v.6, p.223-230, 1990.

RIBEIRO, M. F. R. *Infertilidade e reprodução assistida: desejando filhos na família contemporânea*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

ZALUSKY, S. Infertility in the age of technology. *J. Am. Psychoanal. Ass.*, v. 48, n.4, p.1541-1562, 2000.